

FEMINISMO DECOLONIAL CONTRA A OFENSIVA NEOLIBERAL

LIVIAN LINO NETTO¹; JÚLIA ROCHA CLASEN²; ALINE ACCORSSI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – livanlino@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clasenjulia1@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas– alineaccorssi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado em Educação realizado na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na linha de pesquisa Epistemologias descoloniais, educação transgressora e práticas de transformação, e tem por objetivo compreender a potência dos movimentos de mulheres do Sul da América Latina como alternativa à crise neoliberal. Já se passaram meses desde que o mundo entrou no que alguns chamam de “novo normal”. A pandemia do coronavírus escancarou as desigualdades produzidas há décadas pelo neoliberalismo. A situação que estáposta para o mundo, coloca em evidência toda a desigualdade existente, produzida e administrada pelo capitalismo. A atual crise confirma que o sistema vigente é insustentável: economicamente, socialmente, culturalmente, politicamente e biologicamente. O colapso da saúde mundial demonstra a necessidade de alternativas ao neoliberalismo global, por exemplo um sistema de infraestrutura internacional de saúde pública, programas de renda básica e reconhecimento do trabalho de reprodução social, que foi escancarado com a pandemia (VERGÈS, 2020).

Apostar em reformas não resolve, já que, no Brasil, reformamos a previdência, as leis trabalhistas e agora a administração pública, e todas as reformas foram parte de um programa que tira direitos das pessoas. Isso sem fazer uma análise aprofundada na crise do capitalismo e do avanço conservador em todo o mundo. É preciso que exista uma transformação profunda em que as estruturas tradicionais de poder sejam dissolvidas. Não é possível seguir realizando a manutenção estrutural do capitalismo, do racismo e do colonialismo. Nesse sentido, os movimentos de mulheres que atacam as reformas neoliberais interseccionando classe, gênero e raça, relacionando a opressão com o capitalismo, o machismo e o patriarcado, surge a possibilidade de uma “potência feminista” propondo uma teoria alternativa de poder. Nesse sentido, o feminismo decolonial existe denunciando a opressão estrutural, e como possibilidade de transformação do mundo, a partir de políticas, economias e pedagogias feministas construídas no sul.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e busca compreender a potência dos movimentos de mulheres organizadas no sul do país como possibilidade de construção de uma alternativa ao mundo que estamos vivendo, a partir de um feminismo decolonial (VERGÈS, 2020). As mulheres, protagonizam desde muito tempo, movimentos que pretendem a transformação radical do mundo, criando lutas e reivindicando direitos já que as lutas acabam por politicar a consciência, fazendo com que o poder das minorias esteja, na definição, construção de espaços



de participação, representação e negociação, criando outras representações que quando difundidas, influenciam as mudanças, podendo orientar práticas inovadoras ou renovadas (HERNANDEZ, ACCORSSI, GUARESCHI, 2013).

Este texto é um ensaio baseado na revisão de bibliografia realizada até o momento. Neste tipo de texto, intelectuais (integrantes da academia ou não), ao se valerem de ensaios para expressar suas reflexões sobre questões ou problemas contemporâneos relevantes, utilizam em suas produções não apenas sua capacidade reflexiva e interpretativa, como também seu conhecimento de mais de uma área da ciência, uma vez que a produção ensaística, por não dispensar “o rigor lógico e a coerência de argumentação”, “exige grande informação cultural e muita maturidade intelectual.” (SEVERINO, 2000, p. 153).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos meses, movimentos na América Latina ganharam destaque contra as ofensivas neoliberais e de direita. Exemplo disso foi a eleição na Bolívia, um ano após o golpe contra o governo de Evo Morales. Houve um plebiscito que garantiu à assembleia constituinte a construção de uma nova constituição para o Chile deixando para trás a Carta Magna promulgada nos anos 80 durante a ditadura de Augusto Pinochet. Além disso, as greves de mulheres que surgiram na Argentina em 2017, ganharam força transnacional de luta contra a violência de gênero. É possível pensar que nem tudo está perdido, mesmo que, o resultado das eleições para as prefeituras no Brasil tenha mostrado derrota de alguns aliados do presidente, ainda permanece um perfil conservador e liberal nas escolhas dos representantes. Apesar de as campanhas eleitorais de candidatos e candidatas de esquerda tenham tido uma expressão considerável, indo para disputas de segundo turno, o resultado nas urnas mostra o quanto o discurso neoliberal está presente como opção possível, ao invés de uma outra possibilidade de pensar a política e o mundo.

O discurso do neoliberalismo se tornou hegemônico, e como aponta David Harvey (2008), ele se constituiu disseminando-se pelos modos de pensar e pelas práticas político-econômicas a ponto de ser incorporado ao senso comum com o qual interpretamos, vivemos e compreendemos o mundo. Para compreendermos o mundo, é necessário construir um aparato conceitual que se mostra quase ‘natural’ para nossas intuições e instintos, valores e desejos, bem como para as possibilidades que pareçam estar inseridas no mundo social que habitamos (HARVEY, 2008). Assim, os conceitos de direitos individuais e liberdade foram poderosos para a consolidação dos ideais neoliberais, que ressignificam o conceito de democracia e de seus princípios básicos de igualdade, liberdade e soberania popular às orientações do mercado. O neoliberalismo converte o caráter político da democracia em econômico, e sua ascensão permitiu que surgissem forças antidemocráticas, que segundo Brown (2019) são inéditas. Estas forças fazem com que às esferas sociais sejam atacadas, utilizando três estratégias, que são a (i) empreedendorização dos sujeitos, (ii) a desproletarização e (iii) a redução dos investimentos sociais que,

entre as realizações neoliberais mais impressionantes estão o desmantelamento epistemológico, político, econômico e cultural da sociedade de massa em capital humano e unidades familiares econômico-



moraes, juntamente com o resgate tanto do indivíduo quanto da família no momento exato de sua extinção. (BROWN, 2019, p.51).

Outro aspecto importante, segundo a autora é a transformação de si ou do sujeito, que para além da monetização, é um leque de práticas que nos faz partidários das privatizações e nos torna altamente governados, como quando somos submetidos a dietas, educação, exercícios, e cálculos do que nos trará maior benefícios. Mas, além disso, outros corpos passam por um tipo diferente de privatização: a da invisibilidade do corpo e do trabalho.

Para pensar alternativas que superem esse cenário de expansão de crises neoliberais precisamos entender que as práticas do Norte global não apresentaram nenhuma alternativa para um outro mundo possível. As feministas do Sul apontam as políticas de desenvolvimento como uma forma de continuação do colonialismo já que sistematicamente desvalorizam e desqualificam as instituições tradicionais dos países que classificam como subdesenvolvidos (BARRAGAN; LANG; CHÁVEZ, 2016). É nesse sentido que, os feminismos do Sul global atualizem os debates que articulem a crise civilizatória, o modelo de produção, patriarcado em uma possibilidade anticapitalista que pode surgir a partir de economias, pedagogias e políticas feministas que sejam decoloniais.

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa busca compreender a potência dos movimentos de mulheres do Sul da América Latina como alternativa à crise neoliberal. Até o momento, foram realizadas leituras e análises de textos para o estado do conhecimento sobre neoliberalismo e movimento de mulheres e, mostram que o feminismo de política decolonial surge como alternativa aos problemas gerados pelas relações coloniais e para as imaginações emancipatórias elaboradas neste contexto como alternativa a este mundo. Pode-se pensar que, ele é uma resposta das minorias ativas protagonizadas por mulheres, como alternativa radical de transformação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRAGÁN, Margarita Aguinaga. LANG, Miriam. CHAVEZ, Dunia Mokrani. SANTILLANA, Alejandra Santillana. Pensar a partir do feminismo: críticas e alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard. LANG, Miriam. PEREIRA FILHO, Jorge. (org.) **Descolonizar o imaginário:** debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Trad. Igor Ojeda. São Paulo: FRL/Elefante, 2016.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo:** a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

Harvey, David. **O neoliberalismo:** história e implicações São Paulo: Loyola, 2008.



HERNANDEZ, Aline Reis Calvo; ACCORSSI, Aline; GUARESCHI, Pedrinho. Pisocologia das minorias ativas: por uma psicologia política dissidente. **Rev. psicol. polít.** vol.13 n.27 p. 383 – 387. São Paulo ago. 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: UBU Editora, 2020.